

Canção em sala de aula: entre sentir e entender

Mais que rimas e metáforas, as canções devem ser trabalhadas também como objetos artístico-culturais



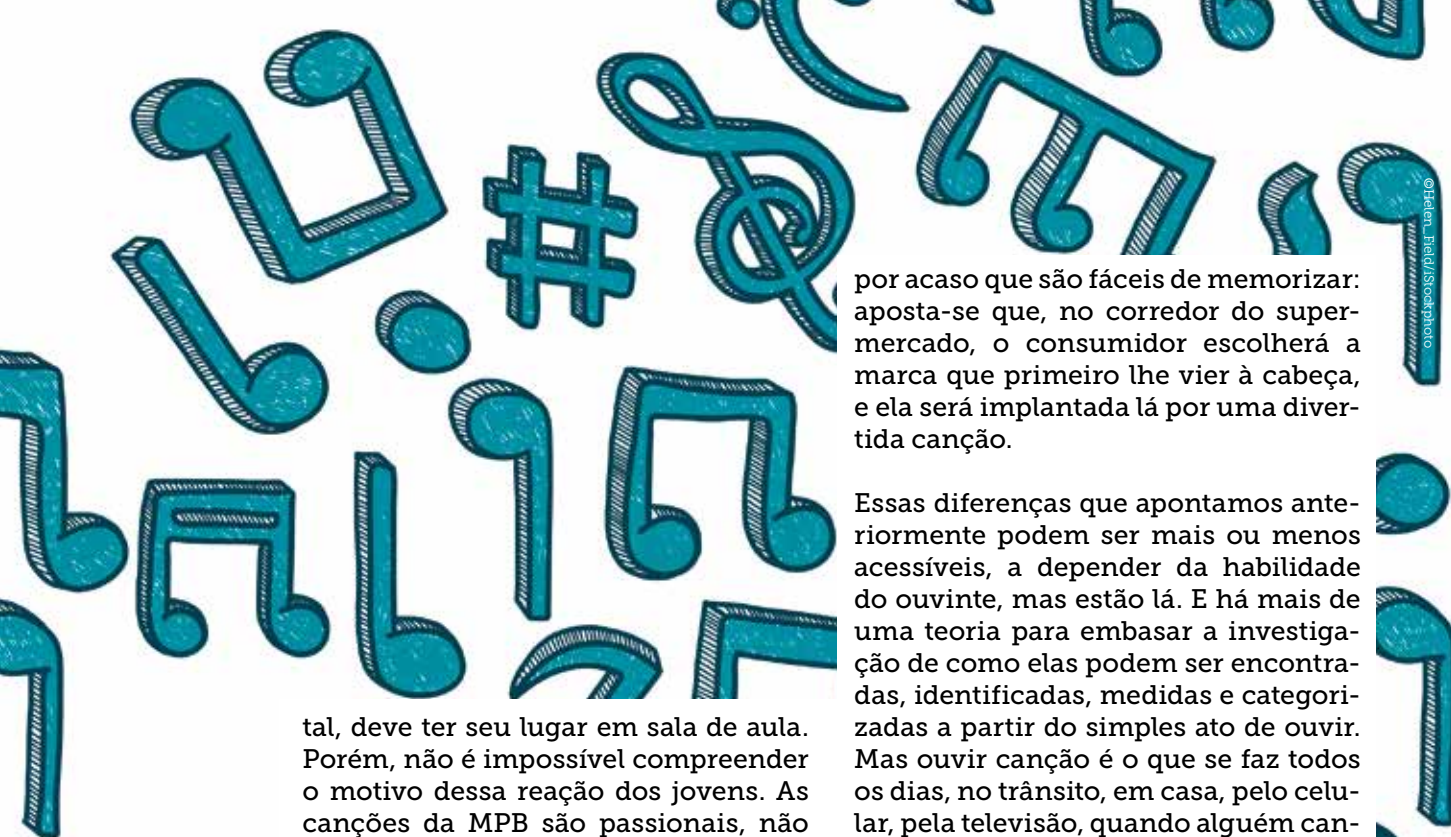
Glenda Miranda Moura
Graduada em Letras – Português e mestre em Linguística. Editora de texto no Sistema Ari de Sá

A canção é uma das expressões artísticas mais populares no Brasil, por sua facilidade de produção e disseminação, e também porque, produto da cultura oral, não carece de ricos instrumentos para ser criada, podendo surgir do simples cantarolar de algumas palavras. Sendo assim, passa despercebida nas cantigas de roda, nas brincadeiras infantis, nos *jingles* publicitários, sendo, em geral, reconhecida apenas na voz de artistas de renome. Note-se que, quando falamos de canção, embora a tradição pareça remeter a ricas peças poéticas, estamos falando da junção entre letra e música, e, por isso, incluímos ali também aquelas com propósitos comerciais.

É comum vermos, em aula, o trabalho com letras de canção. Quando em salas de ensino de língua materna, em geral, compara-se a letra a um poema, em decorrência das rimas e do ritmo de leitura, e trabalham-se as aliterações,

alternâncias, metáforas e metonímias, aliadas ao objetivo do autor e à significação final do texto. Nas aulas de língua estrangeira, as canções surgem como uma ferramenta de captação da pronúncia ideal do falante fluente, e são também empregadas em função da aquisição de vocabulário. Mas, nessas aulas, deixa-se de lado o valor da canção como produto artístico e cultural, não praticando o, talvez, mais primitivo reflexo decorrente do ato de ouvir uma canção: o que ela faz sentir. Em decorrência disso, parece ser justamente esse o principal obstáculo de se trabalhar, com turmas mais jovens, as canções da tradicional Música Popular Brasileira. Os alunos dirão: “professor, essa música me dá sono!”, “é música de gente velha!”, “coisa brega!”, e o professor seguirá a aula, retornando aos aspectos gramaticais do texto.

Tais comentários não devem desestimular o professor, pois a canção é uma peça cultural brasileira e, como



tal, deve ter seu lugar em sala de aula. Porém, não é impossível compreender o motivo dessa reação dos jovens. As canções da MPB são passionais, não porque falam de amor e sentimentos, mas porque investem, musicalmente, na duração das vogais em detrimento do ritmo. Têm quase ou nenhuma percussão, sendo o cantor acompanhado, muito frequentemente, por um violão ou piano, e estendem infinitamente as palavras. São canções lentas, com frases que se demoram no tempo. Compare-se uma canção ícone da MPB ao *hit* do último carnaval e percebe-se toda a diferença: o axé, por exemplo, é ritmado, possui letras com pequenos versos, e versos com pequenas palavras. Muitas vogais, é verdade, mas elas são repetidas insistentemente, junto às batidas do surdo, e não alongadas em acompanhamento ao violão. O propósito é incentivar a dança, por isso, a relação sinestésica entre o som e o movimento é incentivada pela percussão, agora fortemente presente, fator que tanto atrai os jovens.

Agora pensemos nas cantigas de roda e nos *jingles*. São, com frequência, ritmados e repetitivos. Frases curtas, palavras pequenas, melodias que remetem à memorização. Comumente, são formadas por apenas uma estrofe, um refrão alegre e cativante. Algumas reproduções e pronto, está na memória do ouvinte para toda a vida. Não é

por acaso que são fáceis de memorizar: aposta-se que, no corredor do supermercado, o consumidor escolherá a marca que primeiro lhe vier à cabeça, e ela será implantada lá por uma divertida canção.

Essas diferenças que apontamos anteriormente podem ser mais ou menos acessíveis, a depender da habilidade do ouvinte, mas estão lá. E há mais de uma teoria para embasar a investigação de como elas podem ser encontradas, identificadas, medidas e categorizadas a partir do simples ato de ouvir. Mas ouvir canção é o que se faz todos os dias, no trânsito, em casa, pelo celular, pela televisão, quando alguém cantarola na rua. Por que, então, é infalivelmente mais comum encontrarmos nas salas de aula análises enfocando o recorte linguístico da canção?

Em primeiro lugar, não se pode ignorar que a apreensão sonora é imediata, instintiva e, principalmente, prazerosa. Soma-se a isso o fato de que a relação entre o ritmo (e os elementos musicais, de modo geral) e a letra gera sentidos ao ouvinte. Se o ouvinte sente sono ou vontade de dançar, significa que ele está se relacionando com aquele objeto artístico, interagindo com ele e, por consequência, com tudo o que ele representa cultural e socialmente. Os sentidos que a percepção cria no expectador de uma obra artística, relacionados ao produto cultural contido em um contexto histórico, são válidos para o reconhecimento de uma cultura, de uma expressão artística, de um período histórico e de uma identidade nacional e individual. Dessa forma, pode-se pensar no ensino de língua portuguesa atrelado ao ensino de arte e baseado em discussões sobre a pluralidade cultural brasileira, e vislumbrar uma aplicação mais contundente da proposta contida nos Parâmetros Curriculares Nacionais. ■

www.portalsas.com.br